



O NIILISMO NIETZSCHIANO À LUZ DAS OBRAS DE FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

Andre Antoniazzi (IC) e Angela Zamora Cilento (Orientador)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

Investigamos neste artigo a intersecção entre o niilismo nietzschiano, conforme abordado por Friedrich Nietzsche, e o apresentado por Fiódor Dostoiévski, por meio da análise de sua literatura. Partindo de uma análise de elementos da filosofia nietzschiana e do niilismo nietzschiano, suas fases e o que é por ele proposto como sua superação, examina-se, após, a obra de Dostoiévski, visando identificar nela sua visão de mundo e, em seguida, dentro da obra *Os Irmãos Karamázov*, entender o significado do niilismo para o autor. Sendo esse fenômeno de grande importância para a sociedade da época, o artigo mostra, refletidas em seus personagens, as tensões entre a crença e a dúvida, a moralidade e a amoralidade. De posse disso, propomos um cotejamento e aproximação entre os dois autores para, por fim, confrontar seus pensamentos, discutindo as alternativas por eles oferecidas para a superação do niilismo, enfatizando a importância da criação de novos significados e da busca por uma vida autêntica.

Palavras-chave: Niilismo, Transvaloração, Morte de Deus, Redenção

ABSTRACT

In this article, we investigate the intersection between Nietzschean nihilism, as discussed by Friedrich Nietzsche, and that presented by Fyodor Dostoevsky, through the analysis of his literature. Starting from an analysis of elements of Nietzschean philosophy and nihilism, its phases, and what he proposes as its overcoming, we then examine Dostoevsky's work, aiming to identify his worldview and, subsequently, within the work *The Brothers Karamazov*, understand the meaning of nihilism for the author. As this phenomenon was of great importance to the society of the time, the article shows the tensions between belief and doubt, morality and amorality reflected in his characters. With this in mind, we propose a comparison and approximation between the two authors to finally confront the thoughts of both thinkers, discussing the alternatives they offer for overcoming nihilism, emphasizing the importance of creating new meanings and the search for an authentic life.

Keywords: Nihilism, Transvaluation, Death of God, Redemption

1. INTRODUÇÃO

O niilismo, uma “doutrina filosófica que nega a existência do absoluto, quer como verdade, quer como valor ético” (JAPIASSU; MARCONDES, 2001, p. 140), é um tema central tanto na filosofia de Friedrich Nietzsche (1844–1900) quanto nas obras literárias de Fiódor Dostoiévski (1821–1881). Nietzsche via o niilismo como uma fase necessária na evolução do pensamento humano, destacando a decadência dos valores religiosos e morais tradicionais. Por outro lado, Dostoiévski, através de personagens como Ivan Karamázov, em *Os Irmãos Karamázov*, e Kirílov, em *Os Demônios*, explora as consequências psicológicas e existenciais do niilismo, frequentemente relacionadas à perda de fé e sentido na vida. Este trabalho analisa as conexões entre o niilismo nietzschiano e as representações desse fenômeno nas obras de Dostoiévski, investigando como ambos os autores abordam o desafio do vazio existencial e propõem caminhos distintos para superá-lo.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

2.1. ALGUNS ELEMENTOS DA FILOSOFIA DE NIETZSCHE

A filosofia de Friedrich Nietzsche apresenta uma análise profunda e multifacetada, tendo no fenômeno do niilismo um ponto central em sua obra. Ao longo de sua trajetória intelectual, Nietzsche altera sua abordagem, passando de uma análise da realidade fundamental para uma antropologia, o que coloca o ser humano no centro da interpretação do mundo (FINK, 1983). Essa mudança reflete sua crítica aos valores tradicionais e a busca por novos significados na vida humana.

“A filosofia de Nietzsche”, diz-nos Jaspers, “é essencialmente a afirmação do mundo como pura imanência. É este mundo que existe.” (WAHL apud Jaspers, 1937, p. 22) Porém, se o mundo, a realidade que tudo engloba, é tudo o que há e se essa realidade é uma, o que são as individuações das coisas? Como não existe, para Nietzsche, uma realidade em si, coisas, substâncias, mas sim apenas o devir, o homem tem a necessidade, para tornar o conhecimento possível, de pensar em categorias; para manter-se vivo, tem a necessidade de criar: “A falsificação é, para nós, uma necessidade biológica.” (FINK, 1983, p. 176) O homem, aprioristicamente, entende que a realidade, o Ser, é uma coisa que existe por si mesma, com uma essência e propriedades. Isto, que torna o conhecimento como um todo possível, leva o

homem a ver o mundo fluido como estático. No entanto, “O que pode ser pensado é necessariamente uma ficção.”¹ (NIETZSCHE, 1945, p.287).

Conforme Fink, “A angústia, a necessidade, tornam o homem inventivo; a angústia, a necessidade de viver num mundo onde tudo desliza, redemoinha, desaparece constantemente, criaram os conceitos, as categorias que fixam e tornam apreensível o devir inconcebível, (...) introduzem algo de estável na mudança” (FINK, 1983, p. 176) trazendo ao mundo, também, a humanidade avaliadora e criadora de valores.

Porém, em certo momento, os valores criados deixam de ser criação e passam a dominar os criadores – os homens se esqueceram de que foram os criadores destes valores. Ideias como a moral, o bem, um deus que representaria normas para um convívio social, deixam de ser criações humanas e passam a governá-los. Eis que um mundo transcendental onde reinam os absolutos nasce. “A própria noção de verdade desaparece, sendo substituída pela ideia de mito.” (LUBAC, 2022, p. 77) O mundo transcendental, fundamento para o comportamento e sobrevivência humanos, deixa de assim o ser e passa a ser a meta. Abre-se mão deste mundo em que vivemos e prol desse mundo transcendental criado. Denigre-se a vida atual em prol de uma vindoura.

Outro elemento significativo da filosofia de Nietzsche é a ideia do eterno retorno. Ele propõe que a vida deve ser vivida de tal maneira que o indivíduo estaria disposto a repeti-la eternamente, com todas as suas alegrias e sofrimentos. O homem fraco sucumbirá, pois, a ideia deste ciclo que se repete sem fim, leva-o a amaldiçoar a vida, tornando-se ressentido. Apenas os fortes, aqueles que conseguem tornar sua existência uma verdadeira obra-de-arte, se alegrariam com o eterno retorno, dizendo: “Sim!”. O mais importante a ser destacado da doutrina do eterno retorno é a ‘qualidade de pensamento’: “É o pensamento do eterno retorno que seleciona. Faz do querer algo completo. O pensamento do eterno retorno elimina do querer tudo o que cai fora do eterno retorno, faz do querer uma criação, efetua a equação querer = criar”. (DELEUZE, 1976, p. 56).

Em síntese, a filosofia de Nietzsche apresenta uma resposta de reavaliação e uma aceitação da vida em sua totalidade. Através da figura do homem trágico e da vontade de poder, Nietzsche convida o indivíduo a criar seu próprio significado em um mundo desprovido de fundamentos absolutos. A crítica à moralidade cristã e a ideia do eterno retorno são

¹ Seguimos neste trabalho, a convenção proposta pela Edição de Colli\Montinari das obras completas do filósofo, de demarcar os aforismos, independentemente da tradução e edição. Deste modo, adotamos as siglas em português abreviadas das obras, para referência. NIETZSCHE, F. WM\VP III, 276.

elementos centrais que sustentam sua visão de um novo modo de viver, onde a vida é percebida como um campo de possibilidades e criações. A superação do niilismo, portanto, não se configura apenas como uma negação do vazio, mas como uma afirmação da vida e da capacidade humana de criar e reinventar seus próprios valores.

2.2. O NIILISMO EM NIETZSCHE

O niilismo é um conceito central na filosofia de Friedrich Nietzsche, destacando-se por sua complexidade e profundidade. Para Nietzsche, o niilismo não é apenas uma negação de valores, mas um fenômeno multifacetado que reflete a crise de sentido enfrentada pela humanidade em um mundo que perdeu suas certezas absolutas.

A origem do niilismo, segundo Nietzsche, está intimamente ligada à ascensão da razão e à crítica das verdades absolutas que marcaram a filosofia ocidental. Jacobi já criticava, em seu tempo, a fé iluminista, que sustentava que a razão poderia explicar tudo, argumentando que, se levada a seus limites, dessa crença resultaria uma negação de tudo que é essencial à experiência humana, incluindo a moralidade, a religião e até mesmo a própria existência.

Se formos coerentes e levarmos a razão até os seus limites, então deveremos abraçar o ateísmo, o fatalismo e o solipsismo. Teremos que negar a existência de Deus, da liberdade, das outras mentes, do mundo externo e, inclusive, a permanência da existência de nós mesmos. Resumidamente: teremos que negar a existência de tudo, e teremos que nos tornar, para usar a linguagem dramática de Jacobi, 'niilistas' (WEBER apud Beise, 2023, p. 66).

Para Nietzsche, essa crítica é pertinente, pois a razão, ao se tornar a única fonte de verdade, acaba por desvalorizar a vida e a experiência humana. Conforme Henri de Lubac (2022), "Charles Du Bos [...] observa que Nietzsche se ergue principalmente contra a comodidade que costuma trazer a crença em Deus." (LUBAC, 2022, p. 50) "Bem o sabes: o covarde demônio em ti, que bem gostaria de juntar as mãos e pôr as mãos no colo e sentir-se mais cômodo: - é esse covarde demônio que te diz: "Existe um Deus!"²" (NIETZSCHE, 2018, p. 173)

Nietzsche vê o desenrolar da história que levaria o homem a perceber que, em verdade, "Verdade, realidade e sensibilidade são idênticas. Só um ser sensível é um ser verdadeiro e efetivo" (FEUERBACH, 2008, p. 53). Assim, para o autor de *A Filosofia do Futuro*, a filosofia, antes preocupada com questões metafísicas extraterrenas, poderia vir a ser uma filosofia do porvir, uma filosofia do futuro, que faria "do homem, com a inclusão da natureza, enquanto base do homem, o objeto único, universal e supremo da filosofia – faz, pois, da

² NIETZSCHE, F. ZA\ III, Dos Apóstatas, 2.

antropologia, com inclusão da fisiologia, a ciência universal.” (FEUERBACH, 2008, p. 72) Em concordância, Nietzsche diria que “talvez o homem suba cada vez mais, já não tendo um deus no qual desaguar³.” (NIETZSCHE, 2023, p. 171) De Lubac corrobora: “não mais existirá um céu acima do homem para o manter sob jugo, não mais existirá regra eterna capaz de impedir o seu voo” (LUBAC, 2022, p. 60) Nietzsche, então, se livra “com sua filosofia, do jugo divino, fechando o círculo dos problemas filosóficos sem o emprego de Deus” (LUBAC, 2022, p. 53), abrindo-se, para o homem, novas possibilidades:

de modo algum, tristes e sombrias, mas sim algo difícil de descrever, uma nova espécie de luz, de felicidade, alívio, contentamento, encorajamento, aurora... De fato, nós, filósofos e ‘espíritos livres’, ante a notícia de que ‘o velho Deus morreu’ nos sentimos como iluminados por uma nova aurora; nosso coração transborda de gratidão, espanto, pressentimento, expectativa (...)4 (NIETZSCHE, 2023, p. 208).

Um dos aspectos mais intrigantes do pensamento de Nietzsche é sua crítica à ideia de valores absolutos. Ele argumenta que os valores que sustentam a cultura ocidental são, em grande parte, malsãos e que a crença em um Deus transcendente e em valores absolutos tem levado à alienação do ser humano. Nos escritos de juventude, na metafísica de artista, Nietzsche veria que Dioniso reúne as características de afirmação da vida, ao evidenciar a criação e a destruição constantes. E aqui reside a alegria: nesta força de criação e destruição. É na *Origem da Tragédia* que encontraremos a oposição entre a concepção teórico-cristã⁵ com o par Dioniso-Apolo e sua relação com a tragédia: o herói sofre e vive intensamente, não há resignação, nem apatia.

Nietzsche, ao investigar genealogicamente a origem desses valores, buscando entender como eles foram construídos e como podem ser desconstruídos, permite que ele diagnostique a crise de sentido que permeia a sociedade contemporânea. Neste esteio, o homem, diferentemente dos animais de Zaratustra, não somente move-se na torrente do tempo sem objetivo, mas move-se nessa torrente em relação ao tempo, com objetivos, projetos. Ele próprio é uma tarefa: sua tarefa, sua missão cósmica, é ser o além-do-homem (FINK, 1983, p. 107), o super-homem, o que se encontra em estreita relação com o niilismo ativo.

Além disso, Nietzsche destaca a importância da figura do “além-do-homem” (Übermensch) como um ideal a ser alcançado. O além-do-homem é aquele que transcende

³ NIETZSCHE, F. FWGC, 285

⁴ NIETZSCHE, F. FWGC, 343.

⁵ (NIETZSCHE, F. GT\NT, 20) “Contra a moral, portanto, voltou-se então, com este livro problemático, o meu instinto, como um instinto em prol da vida”, inventando “uma contradoutrina e uma contravaloração da vida, puramente artística, anticristã. [...] eu a chamei dionisíaca.” (NIETZSCHE, 1992, 20)

as limitações do niilismo e dos valores tradicionais, criando novos caminhos e significados para a vida. Essa figura representa a possibilidade de uma nova forma de ser, que não se baseia em valores impostos externamente, mas que emerge da própria experiência e criatividade do indivíduo.

A crítica de Nietzsche ao niilismo não se limita à filosofia; ela também se estende à cultura e à sociedade ao observar que a modernidade, marcada pela perda de valores absolutos, gera um sentimento de desorientação e insatisfação. Conforme o psicanalista Heinz Kohut aponta, o principal problema do homem ocidental se deslocou do conflito e da culpa para o vazio interior e a insatisfação. (KOHUT, 1988a, p. 291) Essa análise ressoa com a visão de Nietzsche, que vê a crise de sentido como uma questão central da condição humana contemporânea.

Em última análise, a filosofia de Nietzsche sobre o niilismo é uma chamada à ação na medida em que nos vemos obrigados a confrontar o vazio deixado pela ausência de valores absolutos e a buscar novos significados em nossas vidas. Nessa trajetória, tendo o homem como base da interpretação do mundo, e, dentro da marcha do tempo, que tem o niilismo e suas fases como motor, para Nietzsche o resultado inevitável seria uma transmutação, uma revalorização, alcançada por um gênio, um homem em sua missão cósmica e capaz de aceitar uma vida sem fundamentos, de jogar o jogo do puro devir. Esse homem artístico é o gênio, um homem trágico, o além-do-homem. “O homem trágico diz ‘sim’ em face até do sofrimento mais duro. [...] Dioniso dilacerado, em pedaços, é uma promessa de vida, renascerá eternamente e voltará da destruição.”⁶ (NIETZSCHE, 1945, p. 149)

2.3. As Quatro Fases do Niilismo em Nietzscheano

O niilismo é um conceito central na filosofia de Friedrich Nietzsche, que o aborda como um fenômeno complexo e multifacetado. Em sua obra, Nietzsche não se limita a descrever o niilismo como uma simples negação de valores ou verdades absolutas; ao contrário, ele o apresenta como um processo que se desdobra em várias fases, cada uma com suas características e implicações. “O niilismo”, conforme Deleuze, “não é um acontecimento na história, mas o motor da história do homem como história universal[.]” (DELEUZE, 1976, p.194), movimento que fornecerá os subsídios necessários para o niilismo ativo.

Na primeira fase do niilismo, conforme descrita por Nietzsche, o niilismo negativo, os valores tradicionais e as crenças que sustentavam a vida em sociedade são questionados e,

⁶ NIETZSCHE, F. WMVP, IV, 483.

em muitos casos, desmantelados. Essa desvalorização dos valores é frequentemente desencadeada por uma crise de fé nas instituições e nas verdades que antes eram consideradas absolutas, como a religião, a moralidade e a razão. O niilismo negativo é caracterizado por um sentimento de vazio e desorientação, onde o indivíduo se vê confrontado com a ausência de um sentido claro para a vida: “nihil, não significa o não ser, mas, antes de qualquer coisa, um valor de nada”. (DELEUZE, 1976, p. 189) No desenvolvimento natural, em algum momento, a força constitutiva da vida passa a tender ao nada e

entre as forças que criaram a moralidade estava a veracidade: esta finalmente se volta contra a moralidade, descobre a sua teleologia, a sua visão egoísta - e agora, a compreensão desta longa e inveterada mentira, que se desespera de poder abandonar, atua precisamente como estimulante. Ao niilismo. Vemos agora em nós necessidades implantadas pela longa interpretação moral que agora nos parece necessidades de algo não verdadeiro: por outro lado, são aquelas das quais parece depender o valor graças ao qual suportamos a vida.⁷ (NIETZSCHE, 2008, p. 165)

A perda de valores absolutos leva a uma crise existencial, onde o ser humano se sente perdido em um mundo que parece não oferecer mais respostas satisfatórias. Essa experiência de desilusão é dolorosa, mas também é um passo necessário para a superação do niilismo, pois força o indivíduo a confrontar a realidade da existência. Após a desvalorização dos valores tradicionais, o indivíduo busca novas formas de significado, mas essa busca é frequentemente marcada por reações passivas em relação ao mundo, o que constitui a segunda fase do niilismo: o niilismo reativo, uma resposta à crise provocada pelo niilismo negativo, uma razão contra o suprassensível, contra valores estabelecidos, os quais passam a ser desvalorizados, numa luta da verdade contra a moral, chegando a uma época sem valores, prosseguindo “agora num mundo sem valor, desprovida de sentido e de objetivo, avançando sempre diante, em direção a seu próprio nada.” (DELEUZE, 1976, p. 190)

O indivíduo, que se vê vagando em um vazio infinito, sem direção ou propósito, pela falta de um fundamento sólido, sente sua existência marcada pela incerteza e pela apatia. O niilismo reativo, portanto, não oferece uma solução, mas sim uma continuidade do estado de desolação iniciado na fase anterior. A supressão do mundo transcendente, para a maioria dos homens, fez com que entrassem em uma noite eterna, vagando como através de um nada infinito, sem um em cima e um embaixo. É sobretudo, o niilismo reativo que veremos, a seguir, ilustrados pelos personagens de Dostoiévski. A negação e a reação ainda dominam o homem. Tudo o que era fixo foi desatado. O homem desse tempo não está pronto para esse

⁷ NIETZSCHE, NF/FP, 1887, 5[71]. §2)

acontecimento, mas virá alguém que “pertencerá a uma história mais elevada que toda a história de até então.”⁸ (NIETZSCHE, 2023, p.137-138)

A terceira fase do niilismo é o niilismo passivo. Neste estágio, o estado de desvalorização da vida se torna tão profundo que o indivíduo prefere não querer ou não agir, resultando em uma extenuação completa da vontade. A vida se torna um fardo insuportável, onde a ausência de valores ou objetivos leva a uma passividade apática, o estado final e extremo do niilismo reativo, onde a vida é tão depreciada que o indivíduo se entrega à inação, em que se vê homens de grande tristeza, cansados de suas obras, “cansados demais para morrer”⁹. (NIETZSCHE, 2018, pp. 128-129)

Nietzsche vê essa fase como uma forma de autodestruição, onde a vontade de viver é sufocada pela falta de significado. O niilista passivo se torna um espectador de sua própria vida, incapaz de agir ou de buscar novos caminhos, no entanto, é um ponto de viragem para uma fase em que o homem assume a supressão do mundo transcendente e passa a resgatar o sentido da terra, sem esperanças supraterras, fase em que a falta de valores leva à resignação e à aceitação de uma existência sem propósito.

2.3.1. A superação do niilismo

Na descrição que Deleuze nos dá sobre o niilismo, de que ele se expressa “nos valores superiores à vida, mas também nos valores reativos que tomam o seu lugar e ainda no mundo sem valores do último dos homens” (DELEUZE, 1976, p. 217) está a resposta para sua superação: já que são os valores da cultura ocidental que geram o niilismo, se faz necessária uma transmutação, uma transvalorização do elemento criador dos valores. Nesse ponto, a filosofia de Nietzsche deixa de ser de negação e apresenta uma dimensão propositiva e afirmativa: afirmar a vida, afirmar a vontade de potência, afirmar o eterno retorno, ter a vontade como uma vontade afirmativa: O além-do-homem surge como aquele que, ao invés de se deixar abater pelo niilismo, abraça a vida com todas as suas dificuldades e desafios. Essa figura é vista como um gênio criador, capaz de transformar o sofrimento em arte e de encontrar beleza mesmo em um mundo caótico. A superação do niilismo, portanto, não implica a volta a valores absolutos ou transcendentais, mas sim a aceitação da vida como um processo em constante mudança, onde o indivíduo se torna o criador de seu próprio significado.

Nietzsche argumenta que a arte desempenha um papel crucial nesse processo de superação. A expressão artística permite que o indivíduo encontre beleza e significado em

⁸ NIETZSCHE, FW/GC, 125.

⁹ NIETZSCHE, ZA\ZA\ II, O Adivinho

meio ao caos, funcionando como uma forma de resistência e reinterpretção da realidade. A arte, assim, se torna um meio pelo qual o ser humano pode afirmar sua existência e criar novos valores que ressoem com sua experiência de vida.

A vontade de domínio enquanto conhecimento, na natureza, enquanto história e enquanto arte detém por toda a parte o devir, realiza essa ilusão ontológica que apelidamos o “existente” e que é na verdade o ser da aparência. Mas no eterno retorno conhecemos a vida eterna, o tempo do mundo, o mar cujas vagas não passam de formas. (FINK, 1983, p. 186)

As quatro fases do niilismo em Nietzsche oferecem um panorama abrangente de como esse fenômeno se desdobra na experiência humana, culminando em uma fase ativa, no sentido de que exige ação: Nietzsche, ao declarar a “morte de Deus”, não está constatando um fato. De fato, foram os homens que mataram Deus – o crucificaram. Diante disso, espera-se que nova aurora venha a surgir. “Esta morte não é apenas um fato, é ação de uma vontade.” (WAHL, 1937, p. 22). Neste processo irreversível do fluxo da história ocidental em que a presença de Deus é ausente, na imanência de sua existência, o homem pode alçar sua transcendência: “Que haveria para criar, se houvesse — deuses!¹⁰” (NIETZSCHE, 2018, p. 82) Diante de tudo isso, com o reconhecimento dessas doutrinas é que surgiria o além-do-homem: uma “humanidade que suporta a morte de Deus, que concebe a vontade de domínio como essência do existente e que, no eterno retorno, experimenta a infinitude da existência.” (FINK, 1983, p. 183).

Surgiria, então, um homem que acredita na vida eterna neste mundo, um homem que superou a invenção de Deus, que foi capaz de triunfar diante do assassinato de Deus, desse falseamento outrora usado para não se matar, para sobreviver às angústias do mundo, palavras ditas por Kirílov, personagem dostoievskiano do romance *Os Demônios*.

2.4. FIÓDOR MIKHAILOVITCH DOSTOIÉVSKI (1821 – 1881)

Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski, um dos mais influentes romancistas da literatura russa, é amplamente reconhecido por sua profunda exploração das questões existenciais e morais que permeiam a condição humana, entre elas, o niilismo. De fato, conforme Albert Camus,

Todos os heróis de Dostoiévski se questionam sobre o sentido da vida. [...] Nos romances de Dostoiévski, a questão é colocada com tal intensidade que só admite soluções extremas. A existência é enganosa ou é eterna. Se Dostoiévski se contentasse com essa análise, seria filósofo. Mas ele ilustra as consequências que esses jogos do espírito podem ter na vida de um homem e por isso é um artista. (CAMUS, 2019, p. 88)

¹⁰ NIETZSCHE, ZA\ II, Nas ilhas bem-aventuradas

Na concepção de Nikolai Berdiaev, “foi um grande pensador e um grande visionário: um dialético de gênio também e o maior metafísico da Rússia” (BERDIAEV, 2021, p. 9) Sua obra se manifesta no trágico – ainda que sua concepção de trágico não seja exatamente igual a de Nietzsche-, “a catarse do especulativo” em uma luta entre a razão e “tudo aquilo que lhe constitui um terreno insondável” (FELLOWS, 2011, p. 11). Dostoiévski foi, sobretudo, um artista que, conforme Nietzsche, subjuga, que sabe

fazer ressoar uma consonância em cada conflito, são os que, pelo seu próprio poderio, por sua redenção pessoal, beneficiam todas as coisas: expressam sua experiência pessoal no simbolismo da obra de arte — criar, entre eles é gratidão pela própria existência.

A profundidade do artista trágico consiste em perceber por meio de seu instinto estético as consequências longínquas, e em não se encerrar, por miopia, na contemplação das coisas próximas, em afirmar a economia em grande escala, a economia que justifica o terrível, o mau, o problemático, e não só justifica ¹¹. (NIETZSCHE, 1945, p.361)

Foi também um gênio, o lugar-tenente da verdade dos fundamentos do mundo original, é o lugar da sua manifestação” (FINK, 1983, p. 40). Dostoiévski não é um filósofo na concepção tradicional da palavra, não traz um sistema de pensamentos. Porém, não é somente um romancista, mas um grande pensador que usou seus romances para expressar seus pensamentos. Em toda sua obra Dostoiévski trata do homem. Em carta enviada ao seu irmão em 1849 (FRANK, 2018, p. 232), ele diz que

‘vida é vida em qualquer lugar, a vida está em nós mesmos, não no exterior. Terei seres humanos ao meu redor e ser um homem entre homens e continuar a sê-lo sempre [...] – isso é a vida [...]. Essa ideia entrou em minha carne e em meu sangue.’ Suas obras, têm uma combinação do “fantástico do extremismo psicológico, da ambição que consome o mundo e do raciocínio ideológico complexo. (FRANK, 2018, p. 370)

Dostoiévski aborda - com seus personagens que oferecem um “ponto de vista específico sobre o mundo e sobre si mesma, como posição racional e valorativa do homem em relação a si mesmo e à realidade circundante” (BAKHTIN, 2015, p. 52), personagens que se complementam, conversam entre si, em que um se enxerga no outro, e muitas vezes não gostam do que veem, vivem uma “vida carnavalesca”, são todos participantes ativos dos temas abordados - uma nova dimensão da humanidade. A questão “o que pode um homem?” foi perguntada pelo autor por diversos ângulos, a questão fundamental do ateu, “e Dostoiévski o compreendeu admiravelmente” (LUBAC apud Gide, 2022, p. 228). “Ele questionou se as noções de bem e mal não eram um preconceito de fracos. Ele imaginou o ser que se elevaria acima delas e não hesitou em orná-lo de beleza e força”, (LUBAC, 2022, p. 229) criando Stavróguin, o herói de Os Demônios.

¹¹ NIETZSCHE, WMVP, III, 374.

Assim, da mesma forma que Nietzsche se propôs a oferecer uma visão não tradicional, uma visão genealógica acerca da moral – e do niilismo -, Dostoiévski se propôs a apresentar uma perspectiva mais psicológica e espiritual sobre o niilismo. Em suas obras, ele retrata personagens que enfrentam crises existenciais profundas, refletindo sobre a ausência de Deus e a consequente orfandade espiritual. Por fim, pelo fato de Nietzsche ter se pronunciado, ao ler Notas do Subsolo, que Dostoiévski é “o único psicólogo com quem ele [Nietzsche] teria algo a aprender” (QUADROS, 2009, p.4), consideramos que suas contribuições sobre o tema podem ser proveitosas.

2.4.1. O NIILISMO NOS PERSONAGENS DE DOSTOIÉVSKI

Compreendida a filosofia nietzscheana, podemos estudar o niilismo à luz de sua filosofia. Após, tendo sido apresentado o escritor russo e seus pressupostos, nos é possível, agora, partir para a última etapa deste trabalho: ilustrar o fenômeno do niilismo nas obras de Dostoiévski. Para tal, utilizaremos a tese de um personagem-ideia, um personagem que representa uma ideia – no caso o niilismo - levando-o, tanto os personagens que integral tal ideia quanto ela mesma, às últimas consequências. Ao abordamos como o niilismo se manifesta nos personagens de Dostoiévski, destacaremos a complexidade e a profundidade com que ele trata esse fenômeno. Através de seus personagens, o autor não apenas ilustra o niilismo como uma ideia abstrata, mas também o apresenta como uma força viva que molda os destinos e as ações de seus protagonistas.

Ao utilizar a abordagem do personagem-ideia, Dostoiévski permite que o leitor compreenda as implicações do niilismo de maneira mais profunda, levando os personagens e suas ações às últimas consequências. Além disso, Dostoiévski também emprega recursos literários como duplos - personagens que se complementam, refletindo diferentes aspectos de uma mesma ideia ou conflito, explorando nuances diversas, mostrando suas mais variadas manifestações - e polifonia - a presença de múltiplas vozes e perspectivas dentro de um único personagem ou entre personagens de diferentes obras, o que enriquece a narrativa e permite uma exploração mais rica e multifacetada.

Segundo Henri de Lubac, há casos em que “um personagem central pode, como um astro que explode, originar diversos satélites: Verkhonvienski, Chátov e Kirílov são saídos de Stavróguin” (LUBAC, 2022, p. 290) no caso do romance Os Demônios. Em Os Irmãos Karamázov, obra que, devido a restrição do espaço, será aqui analisada, que gira em torno do conflito entre fé e razão, um tema central que se entrelaça com o niilismo, os personagens enfrentam dilemas morais e espirituais que refletem a luta interna entre a crença em valores transcendentais e a desilusão com a ausência de sentido, tensão particularmente evidente

em Ivan Karamázov, que questiona a existência de Deus e a moralidade em um mundo onde o sofrimento é onipresente, chegando a sua famosa indagação sobre a possibilidade de um Deus que permite a dor e a injustiça revela a profundidade de sua crise existencial.

2.4.2. O NIILISMO EM DOSTOIÉVSKI: UMA ANÁLISE DOS PERSONAGENS E TEMAS EM OS IRMÃOS KARAMÁZOV

Em *Os Irmãos Karamázov*, um tratado complexo sobre questões filosóficas e existenciais, particularmente focado no tema do niilismo, a expressão clássica do grande tema que preocupava Dostoiévski desde *Memórias do Subsolo* é alcançada: o conflito entre a fé e a razão. (FRANK, 2021). “Os personagens do romance não são apenas tipos sociais contemporâneos, mas estão ligados a vastas e seculares forças históricas e culturais e a conflitos morais e espirituais.” (FRANK, 2021, p. 997) Essa luta é personificada nos três irmãos Karamázov, cada um representando diferentes aspectos da psicologia e moralidade humana. Frank (2021) observa que Dostoiévski viu o niilismo como uma ameaça moral e espiritual que poderia destruir os alicerces da sociedade russa. Ivan Karamázov, um intelectual torturado, cuja descrença leva ao “desespero, à desolação interior” e à loucura, é o personagem que representa o niilismo filosófico ao questionar a existência de Deus e a moralidade absoluta, racionalismo que o leva à ideia de que “Se Deus não existe, tudo é permitido”.

No centro da narrativa, encontra-se Fiódor Pávlovitch, o pai dos irmãos Karamázov, que possui “a autêntica fisionomia de um patrício romano antigo dos tempos de decadência” (FRANK, 2021, p. 998), associado assim aos anos de declínio do Império Romano, ligado à libertinagem desenfreada e ao colapso moral daquela época. O patriarca da família é um homem corrupto e hedonista cuja conduta deplorável estabelece o pano de fundo para os conflitos morais e emocionais de seus filhos. Sua morte violenta e a suspeita de parricídio recaem sobre seu filho mais velho Dmitri, desencadeando a trama central do romance. Dmitri, impulsivo e apaixonado, luta entre seus desejos carnis e seu anseio por redenção. Sua vida, marcada por excessos, e uma busca desesperada por amor e aceitação refletem o conflito entre paixão e moralidade. “Em *Os Irmãos Karamázov*, Dostoiévski retoma a questão da degradação da família russa, tema que não se limita aos planos social e psicológico, mas é apenas o sintoma de um mal-estar mais profundo: a perda dos valores morais firmemente enraizados entre os russos instruídos, fruto da perda da fé em Cristo e em Deus”, (FRANK, 2021, p. 998) o único sustentáculo seguro para os valores morais tipicamente cristãos.

Conforme Frank, “para um intelectual como Ivan, sua angústia diante dos sofrimentos da humanidade se contrapõe a qualquer submissão à esperança cristã.” (FRANK, 2021, p. 1000). “A identificação entre ‘razão’ (que no plano moral equivalia ao utilitarismo) e

egocentrismo estava profundamente enraizada no pensamento russo radical do período, que se afastava da fé em Deus, base teológica que, para Dostoiévski, sustenta toda consciência moral.” (FRANK, 2021, p. 1000). Por meio do capítulo A Revolta, Ivan demonstrar todo seu mal-estar diante da barbárie vista no mundo, entrando em conflito com seu pretense amor à humanidade e a visão de um Deus cristão que deveria ser todo amor e todo bom. Essa incompatibilidade entre a suposta bondade de Deus e a maldade do mundo fazem com que ele não consiga aceitar o mundo criado por Deus. Assim, ele rejeita o bilhete de entrada a esse mundo (DOSTOIÉVSKI, 2019). Essa visão revela o conflito de Ivan entre seu desejo de amar a humanidade e sua recusa em aceitar uma moralidade baseada na fé. O monge Zossima, ao mesmo tempo que afirma a tese de Ivan sobre a “necessidade de uma fé em Deus e na imortalidade como única garantia para o amor ativo pelo próximo, conforme exigido por Cristo” (FRANK, 2021, p. 999), consegue ver no mundo, diferentemente de Ivan, a culpa que todos devem carregar pelo mal existente no mundo, desejando pedir desculpas por tudo e por todos, entendendo e mostrando que esse seria o caminho para uma reconciliação com o mundo.

O arranjo da trama de Os Irmãos Karamázov, cuja narrativa oscila “entre extremos morais e psicológicos concorrentes” (FRANK, 2021, p. 1003), “compele o leitor a participar da experiência de descobrir os limites da razão. Somente aqueles personagens dispostos a crer contra todas as provas – cujo amor por Dmitri e cuja fé decorrente desse amor são mais fortes do que a concatenação de fatos – são capazes de penetrar na realidade da verdade tanto moral quanto espiritual e legal.” (FRANK, 2021, p. 1001). O racionalismo de Ivan impede-o de “crer em Cristo e na imortalidade, mas sua sensibilidade moral lhe impossibilita aceitar as terríveis consequências que decorrem logicamente dessa falta de fé.” (FRANK, 2021, p. 1008)

Aliócha Karamázov, o filho mais novo, é um noviço de caráter puro e compassivo, buscando a bondade e a espiritualidade. Ele serve como um contraste moral aos seus irmãos, representando a possibilidade de fé e redenção em um mundo cheio de sofrimento e dúvida. Smerdiákov, o filho ilegítimo de Fiódor, é um personagem sombrio e manipulador, um niilista que despreza a moralidade e desempenha um papel crucial no desenlace trágico do romance.

“Uma característica da técnica madura de Dostoiévski é refratar um motivo temático a partir de uma série de personagens, cada qual exprimindo um aspecto diferente de seu significado.” (FRANK, 2021, p. 1044). Aliócha Karamázov, por exemplo, representa a fé e a moralidade cristã. Seu encontro com Grúshenka, que revela as profundezas do amor altruísta escondido na consciência humana, contrasta fortemente com o racionalismo de Ivan. Aliócha não apenas mantém sua fé em Deus, mas também acredita na beleza e na bondade suprema

do universo de Deus (FRANK, 2021, p. 1047). Essa técnica de refração explora motivos temáticos que são refratados através de personagens que exprimem diferentes aspectos de um mesmo significado. Essa técnica permite uma análise mais profunda das interações entre os personagens e como eles abordam questões filosóficas e morais.

A multiplicidade de vozes e consciências apresentadas de maneira independente entre si e ao mesmo tempo plenivalentes, conforme aponta Bakhtin, a complementariedade e, em certos pontos, contraposição de ideias entre personagens, nos ajudam a entender e experienciar as suas angústias. O que se vê nas relações contrastantes dentro da família Karamázov, assim como entre os personagens secundários, é uma forma adotada por Dostoiévski para mostrar a incompatibilidade da ideia defendida por Ivan, reforçada por Rakítin, de que o homem encontraria força em si mesma para viver em função da virtude.

Em *Os Irmãos Karamázov*, Ivan Karamázov argumenta que a criação de um Deus e, consequentemente, de virtudes baseadas no medo da morte, resulta na percepção de que “se desaparecer no homem a crença na imortalidade, não só o amor, mas também toda a força vital que contribuiu para manter a vida no mundo terminaria ipso facto aniquilada. Por consequência, não haveria nada imoral; tudo seria permitido até a antropofagia.” (DOSTOIÉVSKI, 2019, p. 673) Sem a imortalidade “o egoísmo e o crime não seriam somente legais como também seriam reconhecidos inevitavelmente como a mais racional e nobre consequência da condição humana.” (DOSTOIÉVSKI, 2019, p. 674)

Num futuro em que a velha moral já tiver desaparecido, os homens unir-se-iam para arrancar da vida tudo o que ela tiver para dar, mas apenas para o gozo e a felicidade da terra. Eles enfrentariam a morte com orgulho e serenidade de deuses e o amor seria suficiente apenas por um momento na vida, intensificado pela consciência de sua brevidade, análise já feita no romance de 1875 *O Adolescente*, em diálogo sobre uma vida sem Deus, sobre um tempo que ainda estaria por vir, que descreve um momento de profunda introspecção e transformação emocional das pessoas após a perda de uma grande ideia que as unia, levando-as a se sentirem órfãs e solitárias. Essa solidão inicial, no entanto, provoca uma reaproximação afetiva entre elas, levando cada um a valorizar o amor e a conexão humana. Ao se confrontarem com a transitoriedade da vida, começam a olhar a natureza e uns aos outros com um novo olhar, repleto de amor e urgência. A ideia de imortalidade é substituída pela consciência da finitude, fazendo com que compartilhem suas vidas de maneira generosa e afetuosa, valorizando cada momento juntos e consolidando laços profundos, onde todos se tornam pilares uns para os outros em meio à tristeza e à beleza da existência.

Definindo-se como adversário intelectual de Ivan, Rakítin declara que “a própria humanidade encontrará força em si mesma para viver em função da virtude mesmo sem acreditar na imortalidade da alma. Encontrará essa força no amor à liberdade, à igualdade e à fraternidade”. No entanto, Rakítin é incapaz de imaginar que alguém possa verdadeiramente “viver em função da virtude” ou agir exceto por motivos egoístas os mais descarados (FRANK, 2021, p. 1010). Ele, um “jovem noviço do mosteiro que se converteu em segredo e sem dor ao ateísmo, à ciência e ao positivismo, um ‘seminarista carreirista’, pronto para vender sua alma — na qual não acredita — em troca de sucesso material e promoção social, é usado por Dostoiévski, para contrastar o materialismo grosseiro de seu ponto de vista ‘progressista’ com a real complexidade moral e humana da situação em que seus personagens se enredam. Se Ivan representa o aspecto da juventude populista que Dostoiévski considerava genuinamente inspirado por ideais cristãos, Rakítin indica a facilidade com que esses ideais, quando separados, mesmo que um pouco, de sentimento por sua fonte original podem converter-se em uma máscara para a maldade e a falsidade.” (FRANK, 2021, pp. 1009 – 1010)

O objetivo de Dostoiévski é sugerir a dificuldade moral e psicológica de uma razão totalmente amoral sustentar-se, não só no plano dos raciocínios sofisticados de Ivan, mas também no plano mais baixo e primitivo da psique inconsciente (FRANK, 2021, p. 1011). Outro personagem de grande importância no romance é Smerdiakov, tido como filho não reconhecido de Fiodor Karamázov, é um personagem “obsedante e enigmático que inspira piedade e repulsa ao mesmo tempo” (FRANK, 2021, p. 1014). Ele se revela como mais um dos ‘racionalistas’ que povoam o livro; seu racionalismo é uma caricatura sob a forma de um astuto sofisma lógico dos tortuosos raciocínios morais de Ivan. (FRANK, 2021, p. 1014) Os argumentos de Smerdiakov “são os de uma natureza mesquinha e calculista que visa racionalizar suas próprias inclinações para a traição e usa a ‘razão’ para minar e dissolver qualquer compromisso moral.” (FRANK, 2021, p. 1014) Smerdiakov serve como alter ego de Ivan, levando as teorias de Ivan ao “seu extremo lógico e repugnante, exibindo a refração distorcida e perigosa delas numa natureza mais rude e menos nobre.” (FRANK, 2021, p. 1014)

A análise do niilismo em Dostoiévski pode ser complementada pela reflexão em Os Demônios, como já anteriormente apontado, onde Kirílov declara que “o homem não tem feito para si outra coisa senão inventar um deus para viver sem se matar” (DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 598) Superado o medo da morte e, conseqüentemente, Deus, o homem se tornaria Deus, tendo caminho livre para se superar, para ser quem quisesse ser. Kirílov foi, então, o estopim dessa revolução, foi quem possibilitou a outros que pudessem ser livres para se autoafirmarem, para, tendo domínio da sua própria vontade, do seu arbítrio, viver na verdade. Todos estariam livres para serem bons a partir da indiferença a tudo. Superada a eternidade, o mundo se resumindo ao material (DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 120). Afastados a imortalidade e o medo da morte, “se desaparecesse no homem a crença [cristã] da imortalidade não só o amor como também toda a força vital que contribuiu para manter a vida no mundo terminaria



ipso facto aniquilada. Por consequência, não haveria nada imoral; tudo seria permitido até a antropofagia" (DOSTOIÉVSKI, 2019, p. 673). Pois "sem imortalidade não há virtudes" (DOSTOIÉVSKI, 2019, p. 674). Consequentemente, abolida qualquer lei religiosa baseada em uma mentira, de repente, ele vê a si mesmo, a si mesmo e ao seu mundo orgulhosamente despido, não só das suas vestes imaginárias, mas ainda da fé em que ele mesmo não era nada além de um pedaço de carne.

Outros personagens também desempenham papéis cruciais na exploração do niilismo e da moralidade. Dmitri Karamázov, com seu caráter impulsivo e apaixonado, busca redenção através do amor e da compaixão. Em um sonho, Dmitri sente um enternecimento que o faz querer agir em prol de todas as pessoas, mostrando a possibilidade de redenção e transformação pessoal (FRANK 2021, p. 1049, citação 10).

Kólia, um jovem orgulhoso que pode ser visto como um "Ivan embrionário", expressa ideias semelhantes às de Ivan sobre Deus e a moralidade. No entanto, quando confrontado com a realidade da morte de seu amigo Iliúcha, Kólia dá vazão a seus sentimentos de piedade e compaixão, indicando que, mesmo os niilistas em potencial, podem experimentar momentos de redenção (FRANK, 2021).

As personagens femininas em Os Irmãos Karamázov também são complexas e significativas. Katerina Ivanovna e Grúshenka são representações das duas faces do amor: o amor altruísta e o amor possessivo. Katerina é leal e dedicada a Dmitri, apesar de seus defeitos, enquanto Grúshenka é inicialmente uma figura de sedução, mas revela profundidades de compaixão e arrependimento. As mulheres em Os Irmãos Karamázov simbolizam a capacidade de transformação através do amor e do perdão.

Os personagens de Os Irmãos Karamázov e Os Demônios ilustram uma crise moral e espiritual, onde o niilismo desafia os valores tradicionais e a fé religiosa. Dostoiévski utiliza seus personagens para explorar as consequências devastadoras da ausência de crença em Deus e a luta entre a razão e a fé. Em última análise, ele questiona se a razão pura pode sustentar a moralidade e o sentido da vida sem um fundamento espiritual, deixando o leitor refletir sobre o papel da fé e dos valores morais em uma sociedade moderna.

2.4.3. CONCLUSÃO: CONSEQUÊNCIAS DO NIILISMO E CAMINHOS PARA SUA SUPERAÇÃO EM DOSTOIÉVSKI

Em conclusão, buscamos explorar a relação intrínseca entre o niilismo e a literatura de Fiódor Dostoiévski, destacando como os personagens de suas obras exemplificam as

diversas facetas dessa filosofia. Por meio de seus personagens, não apenas como representações de ideias, mas como veículos para explorar as consequências psicológicas e sociais do niilismo, pode-se refletir sobre a complexidade da condição humana.

Um dos principais pontos abordados é a maneira como os personagens de Dostoiévski encarnam o niilismo em suas diferentes formas. Cada um deles reflete aspectos dessa filosofia, desde a negação da moralidade até a busca desesperada por significado. Um exemplo emblemático é Ivan Karamázov, de *Os Irmãos Karamázov*, que representa o niilismo intelectual. Ivan questiona a existência de Deus e a moralidade, o que o leva a um estado de angústia e desespero. Sua luta interna simboliza a crise existencial que muitos enfrentam ao confrontar a ausência de valores absolutos.

Além disso, as consequências psicológicas do niilismo nos personagens que surgem da falta de um propósito claro e a ausência de valores resultam em crises existenciais profundas, levam Ivan, por exemplo, a viver um conflito interno que se manifesta em doenças e colapsos nervosos, simbolizando a devastação que o niilismo pode causar na vida de um indivíduo. Essa representação do sofrimento humano é uma característica marcante da obra de Dostoiévski, que busca retratar a complexidade da psique em um mundo desprovido de sentido.

De toda a análise, cotejando ambos os autores, pode-se distinguir, na concepção de Nietzsche, entre o niilismo passivo e o ativo. O niilismo passivo de Dostoiévski leva à desesperança e, em casos extremos, ao suicídio, como exemplificado pelo personagem Kirílov, que busca a libertação através da morte. Por outro lado, o niilismo ativo é aquele que busca a criação de novos valores, refletindo uma luta contra a desesperança. No entanto, a criação de valores sem um fundamento leva a um, conforme Chigálov, personagem de *Os Demônios*, “despotismo ilimitado” (DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 391), ou seja, partindo-se de um niilismo não se pode chegar a uma humanidade melhor. Já para Kirílov, em diálogo com Stavróguin, dividia a história do mundo do “gorila à Destruição de Deus e da destruição de Deus” (DOSTOIÉVSKI, 2004), não ao homem-Deus, mas um retorno ao gorila; via num mundo sem Deus, um mundo em que répteis devorariam répteis. Todo o sonho de um homem livre “seria uma fantasia, inclusive a mais inverossímil.” (DOSTOIÉVSKI, 2015).

Apesar da representação do niilismo, Dostoiévski também sugere que a busca por significado e a conexão humana são possíveis, mesmo em um mundo desprovido de valores absolutos. Essa ideia de redenção através da fé e do amor é uma resposta ao desespero que permeia suas obras, oferecendo uma perspectiva de esperança. A dualidade entre desespero

e esperança é o que torna a obra de Dostoiévski tão relevante e impactante, convidando os leitores a confrontar suas próprias crenças e a buscar significado em suas vidas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu-se a (i) estudar o niilismo à luz da filosofia de Nietzsche, partindo de (ii) uma compreensão sistemática da filosofia nietzscheana por um breve estudo de sua filosofia. Após, visando apontar, nos personagens de Dostoiévski, as características centrais do niilismo - O sentimento de vazio e de ausência de sentido para a existência faz-, (iii) ilustrou-se o fenômeno do niilismo nas obras de Dostoiévski, apontar, não nos seus personagens, mas na sua polifonia, na complementariedade psicológica e mental deles; apresentando, por fim e brevemente, o que seria a sua solução para o niilismo.

A conexão entre o niilismo nietzscheano e os personagens de Dostoiévski revela as múltiplas facetas do vazio existencial e da crise de valores que assolam a humanidade. Enquanto Nietzsche enxerga no niilismo uma oportunidade para a criação de novos valores, através da "vontade de potência" e do "eterno retorno", Dostoiévski oferece a fé em Deus e a compaixão como respostas para o mesmo dilema. Personagens como Ivan Karamázov e Kirílov exemplificam as consequências devastadoras do niilismo, seja pela falta de sentido moral, seja pela tentativa de encontrar liberdade total. Em última análise, ambos os autores reconhecem a profundidade do problema, mas oferecem soluções contrastantes: Nietzsche busca a superação através da criação e afirmação da vida, enquanto Dostoiévski propõe o retorno à fé e à espiritualidade como única forma de resgatar o ser humano do abismo.

Para Dostoiévski, diante dessa incompatibilidade de se criar valores sem ter uma base moral imutável, a superação do niilismo deve passar pela reconciliação da razão com a fé em Cristo, permitindo uma verdadeira piedade e compaixão pela humanidade. Ou seja, para o russo, a superação do niilismo somente poderá ser alcançada se superada a sua origem, a perda da fé em Deus. Personagens como Aliocha Karamázov e Sonia Marmeladova exemplificam a possibilidade de encontrar redenção e significado através da fé, do amor e do sacrifício altruísta. Em resposta à revolta de Ivan Karamázov, que vê a injustiça do mundo como uma incompatibilidade de um Deus totalmente bom e um mundo grandemente mal, esses personagens, assim como Zossima e Dmitri Karamázov, indicam que o retorno à fé se dará quando se sentir vontade de perdoar a todos e por tudo pedir perdão.

Buscando uma conciliação entre o pensamento de Nietzsche e o de Dostoiévski, pode-se dizer que Ivan Karamázov se encaixa principalmente no "niilismo reativo" de Nietzsche: ele reage contra os valores transcendentais do cristianismo, rejeitando Deus e a moralidade

absoluta. Ivan busca a verdade e a racionalidade, mas essa busca o leva a um estado de desvalorização dos valores tradicionais e decepção com a ausência de um fundamento sólido para a moralidade. Ele se encontra vagando em um vazio existencial, sem direção ou propósito, refletindo a descrição de Nietzsche sobre o homem que se vê sozinho em um mundo sem valores fixos após a morte de Deus. O tormento e o desespero de Ivan refletem o "nada infinito" e a falta de direção que Nietzsche descreve no niilismo reativo.

No entanto, (iv) ao cotejarmos as aproximações entre os dois pensadores, apesar de haver semelhanças, como não poderia deixar de ser: via-se a vontade de se matar o pai, de tomar o trono de Deus entre círculos intelectuais que defendiam a emancipação do homem as diferentes visões de mundo diversas trouxeram resultados diversos. Enquanto Nietzsche via no niilismo o desenrolar da história, que culminaria no além-do-homem, dividindo-se então a história do "gorila à Destruição de Deus e da destruição de Deus" (DOSTOIÉVSKI, 2004), Dostoiévski via o fim com menos esperança. Enxergava no homem sem Deus um gorila, via na morte do pai a abolição do homem, da humanidade.

Por fim, apesar de se poder defender que os heróis niilistas dostoiévskianos não lograram êxito em serem o além-do-homem nietzscheano por ainda não terem se desprendido das amarras transcendentais criadas pelo homem, acreditamos que o próprio Nietzsche talvez viesse a concordar com Dostoiévski, já que, para o pensador alemão, Dostoiévski é "o único psicólogo com quem ele [Nietzsche] teria algo a aprender" (QUADROS, 2009, p.4).

4. REFERÊNCIAS

AMBROSINO, G., BATAILLE, G., KLOSSOWSKI, P. *La Revue Acephale*. **Revue trimestrielle**, 14 ed. Paris, 1937. Disponível em <http://i.a.m.free.fr/acephale/wahl.html> Acesso em 05 jun. 2024

BERDIAEV, Nikolai. **O Espírito de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Eleia Editora, 2021.

CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Editora Record. 2019. e-Book

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976. Coleção Semeion.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Os irmãos Karamázov**. Editora Mimética, 2019. E-book.

_____, Fiódor. **Crime e castigo**. São Paulo: Martin Claret, 2020.

_____, Fiodor. **O Idiota**. 5. ed. São Paulo: Editora 34, 2020.

_____, Fiodor. **Os Demônios**. 6. ed. São Paulo: Editora 34, 2018

FEUERBACH, Ludwig. **Princípios da Filosofia do Futuro**. Covilhã: Universidade da Beira Interior. 2008

FINK, E. **A filosofia de Nietzsche**. Lisboa: Editorial Presença. 1983.

FRANK, Joseph. **Dostoiévski**: Um escritor em seu tempo. Brasil: Companhia das Letras, 2018.

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

KOHUT, Heinz. **The restoration of the self**. Chicago: The University of Chicago Press, 2009.

LEBRUN Gerard (org.). **Nietzsche**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. Coleção Os Pensadores.

LUBAC, H. d. **O Drama Do Humanismo Ateu**. Campinas: Ecclesiae, 2022

FELLOWS. T. M. **O trágico na Modernidade: um olhar hölderliniano sobre o Crime e Castigo de Dostoiévski**. in Ensaios Filosóficos, Volume IV - outubro/2011 Disponível em https://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/FELLOWS_Theo_Machado.pdf. Acesso em 25 fev 2024.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Escritos sobre educação**. São Paulo: Loyola, 2003.

_____, Friedrich Wilhelm. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2023. Tradução de Paulo César Lima de Souza.

_____, Friedrich. **Ecce Homo**. São Paulo: Ed. Max Limonad, 1985

_____, Friedrich Wilhelm. **Fragmentos Póstumos IV: 1885-1889**. 2. ed. Madrid: Editorial Tecnos (Grupo Anaya, S. A.), 2008.

_____, Friedrich Wilhelm. **Assim Falou Zaratustra**. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

_____, Friedrich Wilhelm. **O Nascimento da Tragédia**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

_____, Friedrich Wilhelm. **Vontade de Potência**. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1945.

QUADROS, Elton Moreira. *Dostoiévski e o enigma humano*. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v.9, n. 103, p. 73-77, dez. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/7752>>. Acesso em: 24 fev. 2023.

TURGUENIEV, Ivan. **Pais e Filhos**. São Paulo: Companhia das Letras. 2021

WEBER, J. F. José Fernandes. *Nilismo, conhecimento e absoluto em Friedrich Nietzsche*. Jacobi. **Revista Dialectus**. Ano 12. N. 28. Janeiro – Abril 2023. Disponível em <http://www.periodicos.ufc.br/dialectus/article/view/86556>. Acesso em 19 abr 2024

Contatos: andre.antoniazzi@gmail.com e angela.rezende@mackenzie.br